

SONIA LUCIA RANGEL,
DANIEL BECKER DENOVARO

Tivemos a grata surpresa de receber para seleção um número significativo de trabalhos. Neste multifacetado conjunto, o que mais nos chamou a atenção foi exatamente a multiplicidade de funções, modos, lugares, onde e quando a pesquisa da criação cênica tem se disseminado. Entre os doze autores que selecionamos e, justo para espelhar essa diversidade temática com a qual nos deparamos, sem hierarquizar, vamos trazer aqui alguns exemplos. A princípio, assinalamos o artigo relacionado ao teatro na “maturidade, gerando como resultado a mostra *Retalhos de Sonhos*”, do texto de Yarasarrath Lyra e Tércio Graciano Machado. Outros temas transitando por questões criativas, técnicas e/ou tecnológicas, como no texto de Otávio Correia, que trata a “iluminação cênica em um espetáculo, supondo-a como elemento orquestrador da cinética da cena, estimulando ou inibindo o desenvolvimento narrativo do espetáculo a partir das variações dos tempos, ritmos e humores”; incluindo os processos criativos para cinema, TV e vídeo, como foi apresentado nos “12 passos da poética da construção da personagem, elaboradas por Ivana Chubbuck”, de Luiz Gustavo Grangeiro.

Constatamos o diálogo e o empenho de pesquisadores corajosos que buscam em suas interfaces de ações, em configurações, lugares e formações tão diversas, novos espaços onde a criação cênica pode ser reconhecida muito além de um instrumento auxiliar, senão como lugar central de pensamento criador. Assim, vemos a expressão do imaginário de Thiago Romero, na



entrevista concedida a Sophia Colleti, como um desejo profundo e antigo de montar *Madame Satã*, por exemplo; ou na experiência *Travessia*: composições imprevisíveis em contato, realizada em janeiro de 2019 no espaço Casarão do Boneco, em Belém do Pará, por Marina Trindade Cruz.

Novas inquietações nos atingem quando somos confrontados com a pergunta: “como as materialidades e as imagens alteram e compõem os processos de criação e percepção do artista da presença?”, elaborada e discutida por Lenine Guevara; ou mesmo quando a própria presença é tema da performance em discussão no texto *O problema é porque sou lúcido?!*, de autoria de Felipe Henrique Monteiro Oliveira, que esgarça uma realidade ao público para compartilhar bem de perto a sua intimidade.

Esse lugar de presença e verdade para o artista, exposto pela sua própria escrita crítico-reflexiva, pode nos atrair e estimular à criação-reflexão, expandida por muitos outros inusitados lugares. Vemos isso na *narrativa performativa* implicada numa discussão das subjetividades constitutivas” quanto às experiências afetivas presentes *no texto de* Mauro César, por exemplo, discutindo a criação do Grupo Oitão e do espetáculo *Cacos para um Vitral*. A intersecção com a vida pessoal do artista também se intensifica, debatida pela psicóloga/atriz/poeta Fernanda Veiga, quando, “a memória dos intérpretes-criadores no processo é tomada como elemento central, propulsor de criação e, mais do que isso, discute-se a possibilidade de reconstruções simbólicas de experiências vividas pelo sujeito que participa do processo”.

Encontramos bom humor em jogos de pensamento na criação e na organização do próprio criar-pensar. Sem riso, humanos não se estabelecem; mesmo em permanente crise, somos este animal que ri. Podemos, assim, poeticamente sorrir, ao degustar a reflexão proposta no ensaio de Thales Branche, que discute “ludicidade e afeto como princípios da construção da narrativa acadêmica em processos criativos”, além de, no contexto da sua escrita, vivamente nos fazer lembrar nosso saudoso mestre, professor Bião.

Incluindo e atualizando questões, considerando nosso atual cenário político-cultural, acreditamos, como Maíra Oliveira, que somente através da ética, da experiência e da paixão, como ela observou no grupo de teatro Esquadrão da Vida, fundado em Brasília, no ano de 1979, podemos intervir no mundo. E por falar em intervenção, política através da arte, nada melhor que estimularmos pessoas para uma revolução pela arte, como nos ensina o Teatro do Oprimido de Boal e



lerem através da experiência do Grupo GESTO – Grupo de Estudos em Teatro do Oprimido, que teve suas lideranças entrevistadas por César Augusto Paro.

Agradecemos o envio de todos os trabalhos; sem eles o caderno não se publica como contribuição à formação e ao diálogo de ideias e de ideais. Nem tudo, obviamente, sobre os doze selecionados foi aqui citado; há surpresas a descobrir. Tentamos publicar nesta contingência o melhor no conjunto, o que conseguimos ler de cada um dos trabalhos que nos foram apresentados.

Tudo isso com zelo e amor fizemos; com zelo e amor esperamos que, para além de mostrar a diversidade de objetos poéticos em processo como pesquisa acadêmica, esta publicação, de fato, inspire o inventar da vida pela arte: “dar ao pente funções de não pentear” ou “botar aflição nas pedras como fez Rodin” – quaisquer que sejam os pentes ou as pedras a enfrentar. Essas são evocações de um belo exemplar de pedagogia poética, com tantas ideias contidas na sua *Didática da Invenção*, do poeta Manoel de Barros. Ou vale lembrar, em qualquer tempo, o dizer de outro amado poeta, Ferreira Gullar: “a arte existe porque a vida não basta”. Sendo assim, arte e vida nos convocam, estamos juntos nelas, são nossas invenções.

Boa leitura!